
Dániel Z. Kádár e Michael Haugh. *Understanding Politeness*

Rita Dantas

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/682>

DOI: 10.4000/cp.682

ISSN: 2183-2269

Editora

Escola Superior de Comunicação Social

Referência eletrónica

Rita Dantas, « Dániel Z. Kádár e Michael Haugh. *Understanding Politeness* », *Comunicação Pública* [Online], Vol.9 n15 | 2014, posto online no dia 30 junho 2014, consultado o 22 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/682> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.682>



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Dániel Z. Kádár e Michael Haugh. Understanding Politeness

Rita Dantas



Publisher

Escola Superior de Comunicação Social

Electronic version

URL: <http://cp.revues.org/682>

ISSN: 2183-2269

Electronic reference

Rita Dantas, « Dániel Z. Kádár e Michael Haugh. *Understanding Politeness* », *Comunicação Pública* [Online], Vol.9 n15 | 2014, posto online no dia 30 Junho 2014, consultado o 21 Julho 2014. URL : <http://cp.revues.org/682>

This text was automatically generated on 21 Julho 2014.

Dániel Z. Kádár e Michael Haugh. Understanding Politeness

Rita Dantas

REFERENCES

Understanding Politeness, Dániel Z. Kádár e Michael Haugh, Cambridge University Press, Cambridge, UK, (306 páginas), ISBN 9781107626942

- 1 Em *Understanding Politeness*, Dániel Z. Kádár e Michael Haugh apresentam um panorama geral dos estudos da *Politeness*, uma área da Pragmática e da Sociolinguística desenvolvida a partir dos anos de 1970. A *Politeness*, como uma tradução mais directa revela imediatamente, dedica-se a estudar as formas de comunicar tendo em conta as convenções sociais, a boa educação e a delicadeza. Mas vai mais longe, integrando também a perspectiva do outro, o modo como pensamos que gostaria de ser tratado, o tom que empregamos em seu benefício, as palavras que escolhemos e os gestos e emoções de que as fazemos acompanhar. Dada esta perspectiva alargada, parece-nos que a tradução mais correta deste *Politeness* será o português “cortesia”, que transmite sem grandes perdas estas múltiplas dimensões do conceito original.
- 2 O livro de Kádár e Haugh está organizado em três grandes secções, divididas igualmente em três capítulos cada. A primeira secção oferece uma resenha histórica dos estudos da *Politeness*, desde os fundadores do campo às reflexões contemporâneas, terminando com um capítulo que introduz a perspectiva dos autores, a do conceito como uma prática social ancorada no espaço e no tempo, a ser estudada de forma interdisciplinar. É esta perspectiva que vai depois ser desenvolvida nas duas grandes secções seguintes, a primeira dedicada à fixação da *Politeness* no tempo e a segunda à sua inserção no espaço.

O quadro teórico dos estudos da *Politeness*

- 3 Na primeira secção do livro os autores apresentam as grandes tendências do estudo da cortesia como fenómeno sociolinguístico. Embora progridam, inevitavelmente, de forma histórica, aproximando-se na recta final da perspectiva que eles próprios defendem e que irão depois expor ao longo do livro, é importante frisar que enfatizam a evolução histórica não como superação das teorias anteriores mas como uma construção cumulativa do campo teórico da *Politeness*. As diferentes tendências de investigação são portanto apresentadas como perspectivas complementares que oferecem conceitos e metodologias distintos.
- 4 O primeiro capítulo do livro apresenta os autores fundadores dos estudos da *Politeness*, aqui referidos como autores da “primeira vaga”, cuja abordagem consiste na tentativa de criar modelos teóricos universais da cortesia a partir de abstracções da realidade e não da sua descrição.
- 5 Entre os autores mais conhecidos desta primeira vaga estão Brown e Levinson, que desenharam um modelo de cortesia baseado em Grice e constituído por escolhas linguísticas racionais cujo objectivo seria evitar o conflito potencialmente resultante de cada enunciação (*utterance*, a partir de Grice, no original). Estes autores fixaram conceitos, distinções e abordagens ainda hoje utilizados e citados por muitos teóricos como os conceitos de *Politeness* por excelência, como o de proteger a “face” do interlocutor, evitando que ele a perca, ou a distinção entre culturas que optariam por uma forma de cortesia acima de tudo centrada em evitar formulações ofensivas ou opressivas e outras culturas que dariam mais importância às formas de marcação da humildade do emissor e da superioridade do receptor.
- 6 Embora tenham existido críticas mais precoces a estes modelos teóricos da primeira vaga, e até à possibilidade genérica da construção de modelos abstractos para a cortesia, a grande revolução crítica no estudo desta surge, acompanhando, aliás, a evolução geral das Ciências da Comunicação, com o *discursive turn*, que no caso dos estudos da cortesia terá sido introduzido por Gino Eelen. É esta perspectiva, apelidada de “segunda vaga”, que é introduzida no segundo capítulo.
- 7 O grande contributo de Eelen para os estudos da cortesia é a introdução da perspectiva dos falantes sobre o que é ou não cortês, a relevância analítica daquilo que nós enquanto participantes de uma interacção consideramos ser o comportamento correto a ter naquela situação e, acima de tudo, a perspectiva do destinatário de cada mensagem específica. A avaliação do receptor e a sua interpretação tornam-se então instância máxima de avaliação da cortesia. Ao focar a sua atenção não só no que é dito mas na interpretação que é feita daquilo que é dito, Eelen dá o próximo grande passo da segunda vaga do pensamento sobre a cortesia: passa da *utterance* de Grice para a interacção, o que vai exigir necessariamente análises mais complexas e matizadas, mais dificilmente redutíveis a modelos universais.
- 8 É a partir desta variedade de noções de *Politeness*, aqui naturalmente apresentadas de forma muito breve, que os autores vão apresentar a sua proposta no terceiro capítulo do livro. Trata-se de uma proposta ontologicamente realista – ou seja, a cortesia “existe” e faz parte da experiência humana – e construtivista, com os entendimentos e avaliações da cortesia a terem lugar numa rede social dinâmica, em que as interpretações e avaliações

individuais surgem na charneira entre aqueles que interpretam a realidade e a realidade tal como é percebida.

- 9 O modelo de *Politeness* defendido encara portanto a cortesia como uma prática social que reside não em formas linguísticas específicas mas na avaliação das formas linguísticas e comportamentos e nos sentidos sociais que lhes atribuímos com base numa ordem moral e social, na qual a cortesia está ancorada e da qual é constitutiva.
- 10 Assim considerado, o estudo da *Politeness* exige um espectro alargado de metodologias e abordagens, integrando a perspectiva dos diferentes tipos de participantes e observadores numa visão holística, atenta não apenas à linguagem verbal mas a todos os tipos de manifestações comunicacionais, do sorriso ao *smiley*, da gestualidade ao ritual.
- 11 É esta abordagem que vai ser explorada e aprofundada nas secções que se seguem: a primeira dedicada à cortesia como fenómeno temporal e a segunda à cortesia como uma prática espacialmente ancorada.

A cortesia como prática social fixada no tempo

- 12 Como prática social que constitui e reproduz uma ordem moral através das avaliações que os indivíduos fazem das interações em que participam, a cortesia está então, tal como a própria experiência dos participantes, ancorada no espaço e no tempo.
- 13 A ligação entre as práticas de cortesia e o tempo é a primeira das duas a ser tratada num conjunto de três capítulos e é das duas a que resulta mais evidente: qualquer interação que tenha lugar num determinado momento é definida por esse momento – melhor dizendo, ao longo desse momento –, mas também pelos momentos anteriores e futuros, pela relação destes com o aqui e agora e pelas convenções e normas sociais. A título de exemplo, muitas acções sociais e sentidos pragmáticos seguem padrões pré-existentes, expectativas decorrentes de interações passadas ou de eventuais interações futuras baseadas em padrões de relacionamento omnipresentes, convenções e rituais.
- 14 O primeiro capítulo desta secção é dedicado justamente ao momento da interação e à forma como a avaliação da cortesia muda ao longo desta, com a construção do significado social das acções e das palavras a evoluir à medida que a interação decorre, sequencialmente através de uma série de acções e reacções comunicativas, e de forma multimodal, abarcando portanto tanto a expressão linguística como formas de expressão não-verbais.
- 15 O segundo capítulo, reservado à cortesia enquanto fenómeno social ancorado no tempo, explora a ligação entre a cortesia, as convenções e os rituais, todos eles elementos fulcrais da experiência social e da sua reprodução. Os autores distinguem aqui a convenção (que exige dos sujeitos que se conformem com um espectro de comportamentos sociais e limita assim a sua actuação, interpretando como não corteses comportamentos que dela se desviem) dos rituais (que exigem uma actuação específica e implicariam portanto que quer a recusa dessa actuação quer uma actuação distinta pudessem ser interpretadas como descortesias).
- 16 Por último, o terceiro capítulo desta secção é dedicado ao tratamento histórico do fenómeno da cortesia, que evoluiu ao longo dos tempos – comportamentos outrora corteses podem hoje ser considerados arcaicos ou até ofensivos e actos de cortesia contemporâneos seriam interpretados por gerações anteriores como descortesias e parecerão porventura desadequados a gerações futuras. Os autores frisam aqui, no

entanto, que a dicotomia histórico/contemporâneo não deve ser tratada de forma rígida, dado o carácter instantaneamente histórico das interacções que fixamos para estudar. Frisam também mais uma vez a necessidade de estudar estas interacções de forma multimodal e de não limitar a investigação a fenómenos linguísticos.

A cortesia como uma prática situada no espaço

- 17 Os três capítulos seguintes são dedicados ao estudo da *pPoliteness* como uma prática social ancorada no espaço. Aqui, a definição de “espaço” introduzida pelos autores tem a sua origem no conceito asiático de *ba* (campo), que ultrapassa a noção tradicional de espaço. Quando falamos de “espaço” nesta obra, falamos então de uma rede de relações e interacções e das práticas sociais que as constituem, das matrizes sociais que implicam e das culturas em que se inserem, todas elas múltiplas e todas elas também discursivamente construídas.
- 18 O primeiro capítulo desta secção é dedicado à metapragmática da cortesia, ou seja, ao discurso produzido sobre este tema e à consciência social e individual do fenómeno da cortesia. São abordados três tipos de manifestações desta consciência: a metalinguística (as expressões linguísticas que são utilizadas para designar a cortesia ou a sua ausência numa determinada sociedade ou grupo), a metacomunicação (conversas sobre o que é ou não cortês, por exemplo a propósito de uma interacção específica recentemente ocorrida) e a consciência metadiscursiva (o discurso social sobre a cortesia, como por exemplo a discussão nos *media* sobre o seu alegado declínio). São também apresentadas várias formas de estudar estes fenómenos, da análise de conteúdo à análise conversacional, mantendo no entanto a ênfase na interdisciplinaridade e na necessidade de estudar a cortesia de forma multimodal.
- 19 O segundo capítulo é dedicado ao estudo das emoções e dos estados de espírito que influenciam a avaliação da cortesia. Os autores consideram que as emoções assumem uma importância fulcral, especialmente as “emoções sociais”, ou seja, as emoções provocadas por fontes externas e pela intencionalidade que atribuímos a essas fontes. Ao longo deste capítulo vão defender que a perspectiva emocional deve ser estudada em todas as manifestações de cortesia, uma vez que a consciência humana é um fluxo emocional permanente.
- 20 Por último, é abordada a ligação entre cortesia, cultura e identidade. Aqui, cultura e identidade são entendidas como fenómenos discursivos, localmente situados e interpretados, e em constante construção. Os autores alertam por isso mesmo para o perigo da simplificação e da atribuição sumária de fenómenos de cortesia a contextos culturais específicos, especialmente no caso de investigações de pendor mais etnográfico, e para a necessidade de os investigadores questionarem antes de mais as suas próprias referências culturais ao estudar fenómenos de cortesia.
- 21 O objectivo principal da obra – o de superar a divisão entre a primeira e a segunda vaga do estudo da *Politeness* propondo um conceito que, não sendo radicalmente novo, combina aspectos e conceitos de diferentes origens numa abordagem holística – foi largamente conseguido nesta obra, e é, a nosso ver, o seu grande trunfo. Embora possa parecer confusa inicialmente, a organização histórico-conceptual da primeira parte do livro acaba por surtir o efeito pretendido, permitindo ao leitor extrair de cada capítulo os conceitos e

abordagens relevantes para a teoria actual, construindo cumulativamente uma visão do todo que é em si integrada.

- 22 Simultaneamente, trata-se de um livro de leitura agradável, bem escrito e construído e de boa argumentação, que combina uma extensa base bibliográfica com uma escolha de exemplos muitíssimo diversificada – que vai desde filmes e séries recentes a clássicos da literatura, de trocas epistolares em mandarim antigo a discussões entre participantes de um jogo *online*.
- 23 Esta riqueza de exemplos e a estruturação da obra são as maiores virtudes deste livro. Já a existência de exercícios no fim de cada capítulo e, embora de forma menos radical, o próprio glossário e as sugestões de leitura acabam por lhe dar um formato mais próximo do manual de estudo, o que, não desvirtuando o valor da proposta teórica que oferece, parece minorar o seu peso, remetendo-a para um segundo plano. Injustamente, a nosso ver.

AUTEURS

RITA DANTAS

Doutoranda em Ciências da Comunicação

Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e

Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa